

II. A Produção

A actividade de produção de leite tem um peso significativo em Portugal, sendo responsável por cerca de 12% da Produção Final da Agricultura Portuguesa¹, envolvendo 34 500 produtores². A actividade tem estado sujeita a profundas alterações, em que a introdução do regime de quotas de produção tem assumido um papel preponderante, verificando-se uma forte redução no número de produtores e dos efectivos, em paralelo com um aumento da produção total de leite.

*Apesar dos acentuados desequilíbrios existentes ao nível das explorações de produção de leite, tem-se verificado uma **tendência de alteração estrutural do sector**, nomeadamente no reforço da especialização e no aumento da dimensão média das explorações, permitindo um acréscimo da competitividade das estruturas produtivas. Por outro lado, a interligação com outros níveis da fileira, como a organização da produção e a indústria, e o reforço de parâmetros como a qualidade, constituem factores determinantes da capacidade de obtenção de competitividade ao nível da produção.*

2.1. Evolução Estrutural

De acordo com os objectivos iniciais subjacentes à elaboração do presente documento, a análise pretendeu-se direccionada para as estruturas ao nível do Continente, pelo que são esses os elementos referenciados na linha de trabalho seguida, utilizando-se uma série de dados abrangendo o período 1990-97. No entanto, apresenta-se em seguida um quadro síntese dos principais indicadores da produção de leite de vaca ao nível do país e da UE, caracterizando a sua evolução estrutural ao longo dos últimos anos.

¹ Fonte: CEA (base 1995) “Dados preliminares”, 1995-98, INE.

² Fonte: *Inquérito às Estruturas das Explorações Agrícolas* 1997, INE.

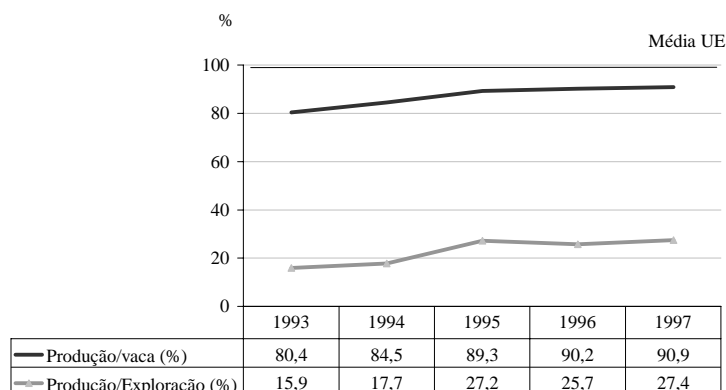
Quadro II.1 – *Evolução dos principais indicadores estatísticos da produção leiteira em Portugal e na UE entre 1993 e 1997*

| | | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 |
|---|----------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Efectivo vacas leiteiras (1000 cabeças) | Portugal | 375 | 368 | 364 | 362 | 355 |
| | UE | 22 953 | 22 653 | 22 262 | 22 070 | 21 498 |
| Produção leite vaca (1000 toneladas) | Portugal | 1622 | 1638 | 1750 | 1785 | 1815 |
| | UE | 119 623 | 120 116 | 121 568 | 121 270 | 120 583 |
| Nº explorações leiteiras | Portugal | 84 012 | 73 197 | 49 029 | 49 482 | 44 430 |
| | UE | 954 546 | 912 801 | 949 713 | 882 940 | 828 376 |
| Produção / vaca (Kg/cabeça/ano) | Portugal | 4 143 | 4 409 | 4 781 | 4 917 | 5 039 |
| | UE | 5 153 | 5 220 | 5 355 | 5 453 | 5 515 |
| Produção/exploração (Ton/explor.) | Portugal | 17,2 | 20,5 | 32,6 | 33,0 | 37,4 |
| | UE | 108,0 | 116,0 | 119,8 | 128,6 | 136,7 |

Fonte: INE / EUROSTAT

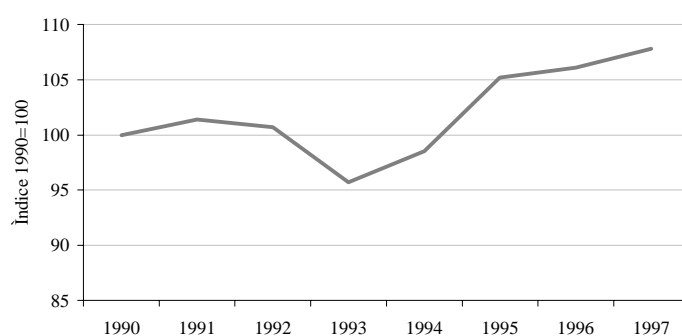
Analisando a evolução a partir de 1993, verifica-se que em Portugal, o efectivo de vacas leiteiras tem vindo a diminuir gradualmente, com uma redução de 5.3% ao longo do período 1993-97. Em contrapartida, neste mesmo período, Portugal registou um dos maiores aumentos de produção na UE, cerca de 12.0%, enquanto que a produção europeia aumentou apenas 0.8%. Esta diferença deve-se em parte ao impacto do estabelecimento do regime de quotas, uma vez que a produção europeia esteve limitada abaixo da sua capacidade, enquanto que a quota nacional era maior do que a capacidade de produção existente, o que permitiu um crescimento sustentado. Este facto assume particular relevância, por paralelamente se ter verificado uma acentuada redução do número de explorações leiteiras em Portugal (cerca de 47%) num período de 5 anos.

Apesar do elevado acréscimo de produção por exploração, a produtividade leiteira continua a ser inferior à média europeia. Ao nível da UE, no final de 1997, continuou a tendência para a diminuição do efectivo que se tinha agravado em 1996, quando da crise da BSE. De facto, em 1997, a UE tinha um efectivo de 21.6 milhões de vacas leiteiras, representando um decréscimo de 1.9% relativamente ao ano anterior.

Figura II.1 – *Evolução da representatividade dos principais indicadores de produção leiteira de Portugal em relação à UE entre 1993 e 1997*

Fonte: A partir de dados do INE / EUROSTAT

Analisando um período mais alargado (1990-1997), verifica-se em Portugal, apesar da quebra registada em 1993 decorrente da aplicação do programa comunitário de abandono definitivo da produção leiteira, a **produção de leite de vaca tem vindo a aumentar gradualmente** (6.2% de crescimento médio ao ano), simultaneamente com uma **significativa redução do número de produtores** (cerca de 55% no total) e de um **decréscimo no efectivo de vacas leiteiras** (7.5% no total) (Anexo A.2., Quadro A.2.1).

Figura II.2 – *Evolução da produção de leite a preços constantes entre 1990 e 1997 (Índice de base 100)*

Fonte: CEA, INE

- A produção de leite nacional corresponde quase exclusivamente a leite de vaca, tendo apenas o leite de ovelha e de cabra um peso de respectivamente 5% e 2%. Embora as principais zonas de produção estejam localizadas nas Regiões Agrárias de EDM, BL e Ribatejo e Oeste (RO) (que contribuem com 90% do total de leite produzido no Continente), cerca de 12% das explorações e 23% do efectivo de vacas leiteiras³ encontram-se na Região Autónoma dos Açores (RAA), que assume um papel preponderante na actividade de produção de leite e lacticínios.

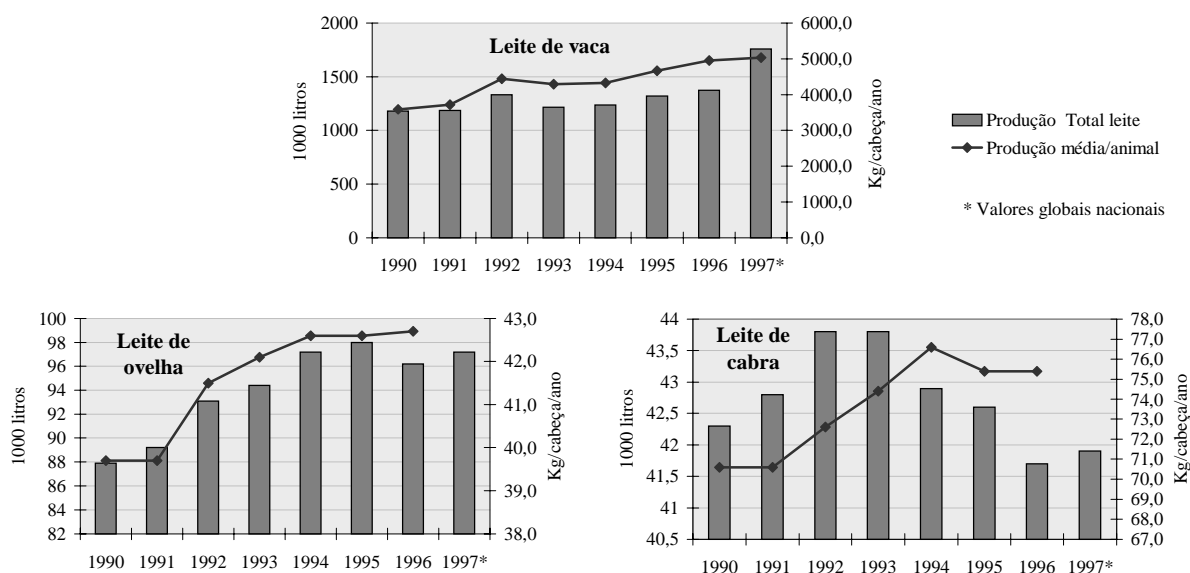
³ Fonte: IEEA 1997, INE.

- De acordo com as contas económicas regionais da agricultura portuguesa, em 1996, as regiões de EDM, BL e RAA, representavam 65% do valor total correspondente à produção de leite em Portugal.

Quanto à evolução das produtividades, o rendimento do efectivo leiteiro em Portugal tem vindo a melhorar, tendo-se registado desde 1990 um crescimento de 40.4% na produtividade média das vacas leiteiras, a que corresponde uma taxa de crescimento média anual de 5.0%. Deste modo, apesar da diminuição dos efectivos de vacas leiteiras, o acréscimo da produtividade média por animal tem sustentado a produção de leite em níveis estáveis.

- Apesar de Portugal se ter destacado na UE, como o país com maior crescimento, em que o aumento de produtividade nas vacas leiteiras assegurou um aumento moderado na produção de leite, anulando assim os efeitos da redução de efectivos, o rendimento médio/vaca (5039 Kg/ano em 1997) é ainda inferior à média comunitária (EUR 15), de 5515 Kg/ano em 1997⁴. Quanto ao leite de ovelha, o aumento de volume produzido resulta não só de uma maior produtividade, mas também de um ligeiro aumento do efectivo em algumas regiões, factores que muito provavelmente evidenciam um interesse acrescido pela actividade.

Figura II.3 – Evolução da produção total de leite e produtividade média por espécie no Continente entre 1990 e 1997



Fonte: Estatísticas Agrícolas. INE

No ponto referente aos dados da recolha, será analisada com maior detalhe a informação disponível no âmbito da repartição regional da produção.

*No que se refere a **evolução do efectivo leiteiro** no Continente, os efectivos médios com potencial para a produção de leite, têm vindo a diminuir regularmente, tendo registado respectivamente, uma taxa de crescimento média anual de -1.4% para as vacas leiteiras, de -0.6% para os ovinos e de -3.6% para os caprinos no período 1990-97 (Anexo A.2., Quadros A.2.2.).*

- Quanto à repartição regional do efectivo de vacas leiteiras, em 1997, as regiões do EDM e da BL contribuíam com mais de 2/3 do efectivo total do Continente (Anexo A.2, Quadro A.2.1). Embora o efectivo médio se situe nos 7.1 animais por exploração, verificam-se algumas excepções, particularmente visíveis nas regiões do ALT e do RO, onde os efectivos médios por exploração são bastante superiores.

*Analisando a **Estrutura das Explorações** em termos de classes de efectivos ao nível do Continente, verifica-se um acentuado desequilíbrio na estrutura produtiva, tendo em conta que:*

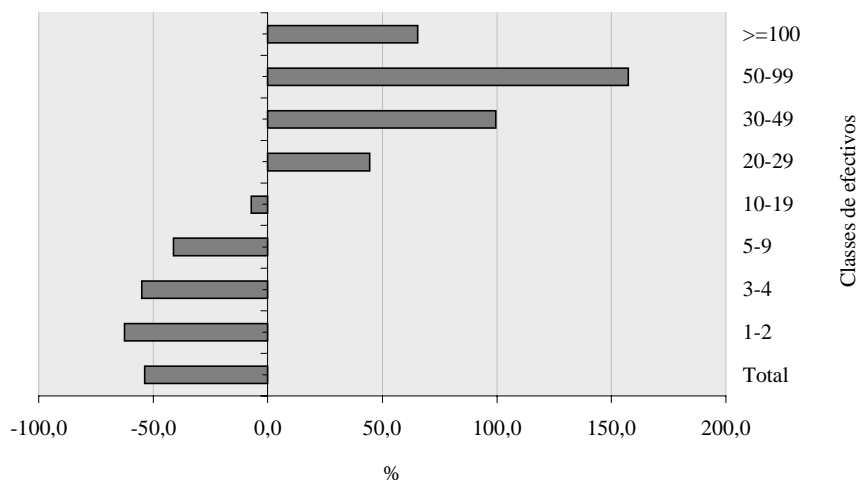
- 83% dos produtores de leite de vaca do Continente possuem menos de 10 vacas, atingindo o peso das explorações com 1 ou 2 vacas, 53%;
- As explorações com efectivos superiores a 30 vacas representam apenas 5% do total de explorações e 43% do efectivo total;
- O efectivo médio por exploração é de 7 vacas.

- Estes dados⁵ indicam uma estrutura produtiva extremamente deficiente, traduzindo no entanto uma melhoria relativamente a situação no início do período em análise; com efeito, entre 1989 e 1997, sem que se tivesse alterado significativamente o número de animais, registou-se um decréscimo do número de explorações em cerca de 54% e um aumento do efectivo médio de 3.6 para 7.1., tendo cerca de 48 000 explorações deixado a actividade, sobretudo as pertencentes aos escalões de menor dimensão em termos de classes de efectivos. Apesar do reforço dos escalões de maior dimensão, continua no entanto a existir um claro desequilíbrio estrutural (Anexo A.2., Quadros A.2.4., A.2.5. e A.2.6.).

⁴ Fonte: EUROSTAT

⁵ Fonte: IEAA 1997, INE

Figura II.4 - Variação (em %) do número de explorações de vacas leiteiras por classes de dimensão do efectivo no Continente entre 1989 e 1997



Fonte: IEEA 1997, INE

- Em termos de repartição regional, verifica-se que na região de EDM, com maior número de explorações leiteiras (42%), cerca de 81% têm menos de 10 vacas e cerca de 53% do efectivo regional encontra-se nas explorações com menos de 30 vacas. Não obstante ser uma constante ao nível do Continente, é nas regiões da BI, TM e BL, que se verifica um desequilíbrio estrutural mais acentuado, onde as pequenas explorações têm um peso extremamente elevado. Apenas nas regiões do RO e do ALT se verifica uma maior concentração do efectivo nas classes de dimensão acima de 30 vacas (*Anexo A.2, Quadro A.2.7.*).

2.2. Sistemas de Produção

Tendo por base de análise os resultados referentes ao ano de 1997, obtidos a partir do modelo de base microeconómica (MBM) elaborado no GPPAA, pretendeu-se delinear um perfil da actividade “produção de leite” a partir dos seus sistemas de produção mais representativos e com base num painel de indicadores caracterizadores, entre outros factores, da criação de valor e da ocupação territorial.

*Em termos de **representatividade**, verifica-se que 8% das explorações do Continente têm a actividade bovinos de leite, sendo no entanto apenas 25% destas explorações caracterizadas como tendo uma orientação económica ⁶ de especialização em bovinos de leite, empregando 53% das UTA⁷ do sector e envolvendo 74% do efectivo total¹ de bovinos de leite.*

- Os sistemas com actividade bovinos de leite das regiões de EDM e da BL são os que contribuem mais para o emprego e para a ocupação do território, com um peso de 83% do total de UTA do sector e 64% da superfície cultivada;
- A maioria das explorações com actividade bovinos de leite caracteriza-se ainda por uma elevada utilização de mão de obra familiar, sendo que em 88% destas explorações a mão de obra familiar constitui mais de 50% da mão de obra disponível;
- Verifica-se ainda que 72% das explorações com bovinos de leite pertencem a classes de dimensão económica abaixo das 8 UDE⁸, embora se verifique uma grande diversidade de situações, a nível regional, nomeadamente nas regiões do RO e ALT, em que as explorações pertencem maioritariamente a classes de dimensão económica superiores a 40 UDE.

*No que se refere a **resultados económicos**, os dados do modelo indicam que no ano de 1997 a actividade especialização Bovinos de Leite foi responsável por 91% do total do VABcf⁹ do sector, tendo por sua vez as explorações com dimensão económica entre 40 e 400 UDE gerado cerca de 76% do VABcf do sector.*

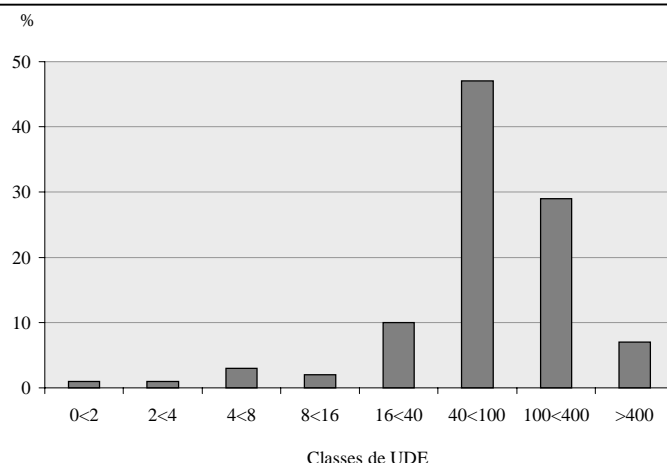
- Em termos regionais, a região que contribui mais para o VABcf do sector dos Bovinos de Leite é a de EDM (cerca de 73%), sendo no entanto particularmente interessante o facto de que as regiões do ALT e do RO com apenas 6% do total de explorações de bovinos de leite, contribuam com 16% do total do VABcf do sector.

⁶ Entende-se que uma exploração é *especializada em Bovinos de Leite*, quando o peso da margem bruta da actividade na margem bruta total (MBT) da exploração é de pelo menos 66%; uma exploração tem *orientação Bovinos* quando a actividade representa pelo menos 50% da MBT; as explorações que não obedecem a nenhum dos critérios foram classificadas como *Diversificadas*. (MBT = Valor Bruto da Produção + Ajudas - Encargos gerais com a produção em causa).

⁷ UTA – Unidades de trabalho anual total.

⁸ UDE – Unidade de Dimensão Europeia (1 UDE = 240 cts de MB ≅ 1200 Euros).

⁹ Valor acrescentado bruto a custos de factores.

Figura II.5 - Peso do VABcf do sector por classes de dimensão económica em 1997

Tendo em consideração estes dados, uma linha de trabalho interessante será demonstrar a importância da especialização associada à dimensão das explorações, assumindo que a partir da caracterização das explorações leiteiras de cada região é possível seleccionar as explorações-tipo representativas dos principais sistemas de exploração existentes, utilizando como referência o contributo para a produção total de leite, entre outros factores.

2.3. Relação entre Produção e Recolha

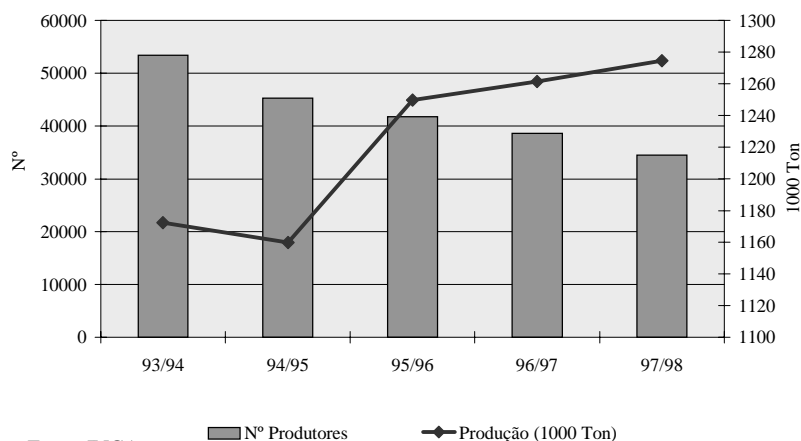
Relativamente à tendência de evolução da recolha de leite no Continente, retiram-se algumas conclusões a partir dos dados do INGA referentes ao período 1993-98 (Anexo A.2, Quadro A.2.7.).

*Tem-se verificado, de uma forma geral, apesar da diminuição acentuada do número de produtores (35.3%), um **crescimento progressivo na recolha de leite** (8.7%), embora essa tendência não tenha sido uniforme em todas as regiões, registando-se inclusive um decréscimo na BI (3.1%) e uma diminuição bastante acentuada no ALG (25.8%), zonas em que se verifica uma retracção da produção.*

- Em termos de taxas de crescimento, destacam-se as regiões do RO, EDM e ALT. À semelhança do que se verifica relativamente a estrutura produtiva, é a região do EDM que assume maior peso na estrutura de recolha de leite, com 42.4% do total de leite recolhido na campanha 97/98 no Continente.

Considerando as três regiões com maior produção, EDM, BL e RO, estas abrangem 82% da produção total, confirmando a tendência de concentração da produção observada nos últimos anos. Mediante a análise da recolha de leite ao nível dos concelhos, poderá inclusive ser possível verificar essa concentração em termos geográficos.

Figura II.6 – *Evolução do nº de produtores e das entregas de leite no Continente entre 1993 e 1998*



Quadro II.2 – *Recolha de leite por regiões no Continente na campanha de 1997/98*

| | Produtores | | | Produção | | | Média produtiva | |
|-------------------|------------|-------|-----------------------|-----------|-------|-----------------------|------------------------|-----------------------|
| | Nº | % | Tx.var.(%) 1998-94 | (Ton) | % | Tx.var.(%) 1998-94 | (Ton/produtor /ano) | Tx.var.(%) 1998-94 |
| EDM | 14 835 | 27,4 | -0,4 | 540 838 | 42,4 | 11,6 | 36,5 | 89,7 |
| TM | 3 280 | 9,5 | -25,7 | 75 185 | 5,9 | 5,0 | 22,9 | 41,3 |
| BL | 11 043 | 32,0 | -31,3 | 304 344 | 23,9 | 8,2 | 27,6 | 57,6 |
| BI | 4 199 | 12,2 | -23,2 | 59 881 | 4,7 | -3,1 | 14,3 | 26,1 |
| RO | 841 | 2,4 | -37,7 | 201 181 | 15,8 | 13,8 | 239,2 | 82,6 |
| ALT | 576 | 1,7 | -28,8 | 88 544 | 6,9 | 10,4 | 153,7 | 55 |
| ALG | 49 | 0,1 | -27,9 | 4 574 | 0,4 | -25,8 | 93,4 | 2,9 |
| Continente | 34 527 | 100,0 | -35,3 | 1 274 547 | 100,0 | 8,7 | 36,9 | 68,1 |

Fonte: INGA

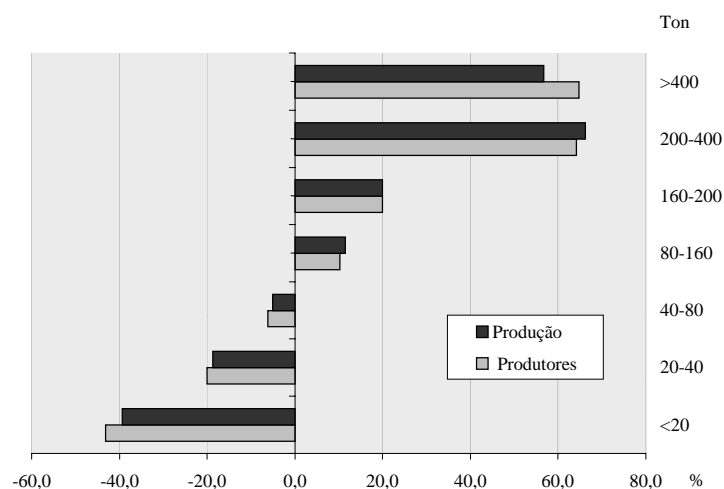
*Simultaneamente com a tendência de concentração da produção em termos geográficos, regista-se uma **concentração nos escalões de produção mais elevados**, o que tem contribuído para um crescimento contínuo da produção e um elevado aumento da média por produtor (68%) nos últimos 5 anos, embora ainda esteja bastante abaixo da média europeia.*

Quadro II.3 – *Recolha de leite por escalões de produção no Continente na campanha de 1997/98*

| | Produtores | | | Produção | | | Média produtiva | |
|--------------|---------------|--------------|----------------------|----------------|--------------|---------------------|----------------------|----------------------|
| | Nº | % | Tx. Var.(%) 98-94 | 1000 Ton | % | Tx.var.(%) 98-94 | Ton/produtor /ano | Tx. Var.(%) 98-94 |
| Total | 34 527 | 100,0 | -35,3 | 1 274,5 | 100,0 | 8,7 | 36,9 | 68,1 |
| <20 | 24 370 | 70,6 | -43,2 | 156,3 | 12,3 | -39,4 | 6,4 | 6,7 |
| 20-40 | 3 674 | 10,6 | -20,0 | 104,1 | 8,2 | -18,7 | 28,3 | 1,5 |
| 40-80 | 2 701 | 7,8 | -6,2 | 153,5 | 12,0 | -5,1 | 56,9 | 1,2 |
| 80-160 | 2 039 | 5,9 | 10,3 | 229,4 | 18,0 | 11,5 | 112,5 | 1,0 |
| 160-200 | 456 | 1,3 | 20,0 | 81,2 | 6,4 | 20,0 | 178,0 | 0,0 |
| 200-400 | 936 | 2,7 | 64,2 | 255,5 | 20,0 | 66,2 | 273,0 | 1,2 |
| >400 | 351 | 1,0 | 64,8 | 294,5 | 23,1 | 56,8 | 839,0 | -4,9 |

Fonte: INGA

Os maiores decréscimos no número de produtores verificam-se nos escalões produtivos de menor dimensão, registando-se apenas acréscimos a partir dos escalões de 80-160 ton/ano. No entanto, apesar destas tendências de concentração e reforço dos escalões de produção mais elevados e das elevadas taxas de abandono, continua a existir um claro desequilíbrio entre o número de produtores e as quantidades entregues, uma vez que as entregas de 81.2% dos produtores (total de produtores abaixo das 40 ton/ano) correspondem apenas a 20.4% do total de leite, enquanto que os produtores de maior dimensão (superior a 160 ton/ano), com um peso de 5%, entregam 50% do total de leite.

Figura II.7 – *Variação (em %) referente às entregas de leite por escalões de produção no Continente entre 1994 e 1998*

Fonte: INGA

*No que se refere às **estruturas de recolha**, apesar da “não cooperativa” ter já um peso significativo, abrangendo cerca de 1/3 do total da recolha¹⁰, a **recolha cooperativa** continua a ser a mais representativa, tendo sido responsável pela recolha de 805.7 milhões de litros em 1998¹¹, o que representa um crescimento acumulado de 5.3% relativamente a 1996.*

Quadro II.4 – Variação da quantidade total de leite recolhido, nº de produtores e respectiva produção média no período 1996-98

| | Litros pagos (mil litros) | Produtores (Nº) | Produção média (mil litros) |
|---------------------|-------------------------------------|---------------------------|---------------------------------------|
| <i>1996</i> | 764 950 | 23 999 | 31,7 |
| <i>1997</i> | 796 184 | 20 993 | 37,9 |
| <i>1998</i> | 805 694 | 17 296 | 46,6 |
| Variação (%) | 5,3% | -28,0% | 47,0% |

Fonte: FENALAC

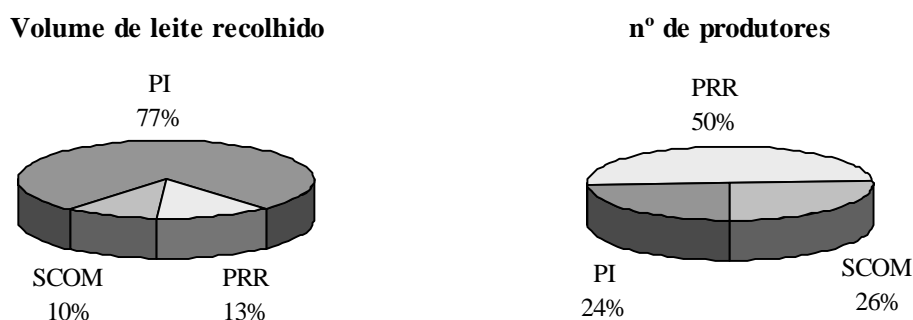
Em contrapartida, registou-se no mesmo período uma diminuição do número de produtores abrangidos por esta recolha (28%), estando no final de 1998, cerca de 17 000 produtores em actividade, contribuindo para um crescimento acentuado da produção média por produtor.

*Relativamente à utilização dos diferentes **tipos de recolha**, apesar da diminuição do número de produtores abrangidos pela FENALAC, registou-se um acréscimo de 6% na categoria referente aos produtores individuais, que apresentaram o maior aumento na produção média, com um acréscimo de 10% do total de leite recolhido. São também bastante diferentes as médias entregues por cada tipo de recolha (Anexo A.2, Quadro A.2.8).*

- Em 1998, os produtores individuais (PI) representavam já 24% do total de produtores, assegurando 77% da produção, enquanto se registava um decréscimo do leite recolhido nas salas colectivas de ordenha mecânica (SCOM) e nos postos de recepção regionais (PRR), de respectivamente 6% e 4%.

¹⁰ A Parmalat recolhe cerca de 10% do leite no Continente.

¹¹ Fonte: Produção e recolha de leite no Continente (1996-98), FENALAC; refere-se ao universo abrangido pela FENALAC.

Figura II.8 - *Distribuição do volume de leite recolhido e do nº de produtores por tipo de recolha em 1998*

Fonte: FENALAC

Desde 1996, o número de locais de recolha colectiva (SCOM e PRR) tem vindo a diminuir regularmente a uma taxa média anual de aproximadamente 12%, mais acentuada no caso das SCOM, em consequência dos maiores custos de recolha e de padrões inferiores de qualidade do leite associadas a estas estruturas. Verifica-se no entanto, em paralelo a um aumento da concentração das estruturas de recolha, a manutenção de um elevado número de pequenos produtores em actividade, facto já analisado anteriormente e que contribui para as assimetrias da estrutura produtiva.

2.4. Principais factores críticos e factores dinâmicos de competitividade

Da análise da estrutura produtiva existente e das tendências de desenvolvimento que tem evidenciado, poderá perspectivar-se um conjunto de factores internos e externos que serão determinantes para o futuro do sector do leite e lacticínios ao nível da produção. Estes factores, se por um lado constituem pontos críticos para o funcionamento do sector, poderão por outro lado, viabilizar a sua competitividade.

